

**UMA REFLEXÃO SOCIOLINGÜÍSTICA  
DA LÍNGUA EM USO NO MEIO VIRTUAL  
E A PRÁTICA PEDAGÓGICA  
DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Marcelo Leal Lima* (UFAC)  
marceloleal16@gmail.com

*Vicente Cruz Cerqueira* (UFAC)

**1. Introdução**

A língua portuguesa em uso no meio virtual tem revolucido a comunicação. Nenhuma invenção foi tão capaz de fazer isso antes. Os jovens em fase escolar têm preocupado os pais e até mesmo os professores, devido as formas de expressão em língua escrita nos sítios, redes sociais, fóruns de discussões, *messenger* e salas de bate-papo. Uma grande parte dos professores de língua materna fica receosa quanto à influência desta modalidade no ensino/aprendizagem da norma padrão. Neste trabalho, levaremos em consideração o escopo teórico de *norma-padrão* e *variedades* da sociolinguística para uma reflexão relativa à língua portuguesa e o seu uso em ambientes virtuais. Pretende-se definir se essa língua em uso faz parte da norma padrão ou se é alguma variedade do padrão. Essa discussão é crucial para que o professor de língua materna adote e problematize, em sala de aula, tal variedade de usos linguísticos.

**2. Desenvolvimento**

O principal objetivo da escola quanto à disciplina de língua portuguesa é ensinar o português padrão. O português que não seria padrão é somente uma “variedade”. Vale uma pergunta: seriam os usos linguísticos produzidos *on-line* mais uma variedade do português padrão? Para

responder esta pergunta, faz-se necessário discutir os conceitos de norma-padrão e variedades linguísticas, que não costumam ser uniformes.

De acordo com Perini (1998, p. 26) norma-padrão é a “variedade da língua que se manifesta de maneira uniforme nos textos técnicos e jornalísticos de todo país”. Essa definição de norma-padrão proposta por Perini é fundamentada no registro escrito. Faraco (2002) a reitera:

A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo unicamente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de norma-padrão ou língua-padrão. (FARACO, 2002, p. 40)

O uso da língua em ambientes virtuais não se trata de uma variedade e também não possui variedades linguísticas, pois a comunicação na internet minimiza as diferenças dialetais, restritas a marcas lexicais características de falares de diferentes regiões do Brasil. Isso pode ser constatado pelo registro dos seguintes caracteres:

Cê vai sair hj?

Num sei tô cnsd.

No exemplo acima o pronome de tratamento *cê*, equivalente ao pronome *você*, foi citado em um texto escrito por um internauta de São Paulo, na rede social *Facebook*<sup>1</sup>. Este uso linguístico pode ser um traço característico da fala paulistana informal ou de outra cidade/estado, como bem pode ser uma economia linguística. Por este motivo, fica difícil falar de variação.

O uso da língua em ambientes de comunicação virtuais está indo ao surgimento de um subconjunto dentro do conjunto norma-padrão – uma espécie de subnorma, condicionada pelas pressões do meio. Salienta-se que se trata de uma subnorma, já que a escrita neutraliza bastante a variação e mudança linguística e fica difícil fazer associação entre discurso escrito e região. Dessa forma, a subnorma padrão da internet acaba por não ter pátria.

Diversos estudos descrevem a língua portuguesa utilizada em ambientes de comunicação virtual, como *chat* e *msn*. Tais descrições fazem

---

<sup>1</sup> Esta rede social foi acessada em: 12/10/2011. Optamos por não citar o endereço eletrônico para manter o sigilo de identidade dos internautas.

parte do estudo de Thurlow & Brown (2003), que sistematiza o uso da língua no *cyber espaço* em três máximas:

1. *Máxima dupla da brevidade e velocidade*

(a) *Abreviação de itens lexicais*

(b) *Uso mínimo de letras maiúsculas e sinais de pontuação*

2. *Reestruturação paralinguística*

(a) *Homofonia letras e números*

(b) *Recuperação de vogais elididas*

3. *Aproximação fonológica*

A primeira máxima está relacionada à economia de tempo e espaço durante a conversação. Assim, o internauta passa a abreviar palavras, de acordo com sua agilidade e habilidade. O uso de caixa alta significa que o usuário está GRITANDO. A pontuação é sempre abolida.

A segunda máxima está relacionada à intuição linguística do internauta, quando ele procura alternativas para se comunicar mais, com menos espaço e mais rápido. O uso de números no lugar de letras é muito utilizado, como exemplo, mostramos o seguinte termo escrito *8bro*, que representa a economia de três caracteres para expressar o mesmo conteúdo. A capacidade de recuperação de vogais também requer a intuição linguística dos internautas emissor e receptor. O receptor não pode elidir qualquer vogal; e sim aquelas que o receptor recuperará sem ambiguidade.

E a terceira máxima, a da aproximação fonológica, representa a quebra das convenções ortográficas em favor da economia e agilidade na comunicação. Se “ch” tem valor de “x” e se “qu” tem valor de “k”, a opção utilizada na comunicação virtual é a mais curta.

Uma análise das máximas de Thurlow & Brown (2003), sugere que, para se comunicar em ambientes virtuais, o internauta deve dominar a norma-padrão de sua língua para poder fazer a reestruturação paralinguística. Observe:

*Kd vc! Fik tranks q td vai dar crto! Blz?*

Se o internauta receptor não domina a norma-padrão da língua, por consequência, não tem intuição linguística para decodificar a seguinte mensagem: “Cadê você! Fica tranquilo que tudo vai dar certo! Beleza?”

Pudemos constatar que:

- (I) As convenções do “internetês” são estabelecidas a partir da norma-padrão;
- (II) Para se comunicar em ambientes virtuais, é preciso dominar a norma-padrão;
- (III) Para se comunicar em ambientes virtuais, é preciso dominar a norma-padrão, e também dominar as máximas de interação Thurlow & Brown (2003);
- (IV) As diferenças dialetais são minimizadas.

Com base nessas constatações, sugerimos que a língua utilizada no meio virtual nessa modalidade é um tipo de subnorma. O prefixo *sub*, não pode ser interpretado de forma pejorativa, mas com sentido de contingência dentro de um grupo. Portanto, a língua utilizada virtualmente é um subconjunto da norma-padrão. A norma-padrão e a subnorma relacionam-se de modo que: é preciso dominar a norma-padrão, para dominar a subnorma.

Compreendemos que a língua na internet não é “simplista” e tampouco “assassina” o português padrão. Apesar disso, muitos educadores a temem e afirmam: essa língua é caótica.

A abreviação na escrita já aconteceu em outros períodos históricos. Antes da invenção da imprensa, por exemplo, monges copistas faziam o trabalho de divulgação e reprodução do conhecimento nos mosteiros medievais e para a agilidade do trabalho escrito usavam várias abreviações. Isso caracteriza a pressão da tecnologia da época. Nesse período não existiam convenções para essas abreviações, como é o caso moderno.

Os *emoticons* que são tão característicos das interações virtuais, são inovações da internet. Alguns estudiosos alegam o surgimento dessa ferramenta do sistema criptográfico de comunicação utilizado na Guerra Fria, cuja técnica de decodificação é baseada na rotação 270° dos caracteres digitados (GODIN, 1994).

Ramal (2000) propõe que a escola deve valorizar a linguagem codificada que os alunos usam em ambientes virtuais de comunicação, porém, mostrando as diferenças de uso de acordo com o contexto. Assim como um artigo científico precisa de umalinguagem formal, a linguagem na internet precisa de códigos e sinais mais rápidos e curtos. Gírias e có-

digos com amigos e abreviaturas no computador são adequadas a determinadas situações comunicativas, numa dissertação de mestrado ou ofício, a normapadrão é requisitada. Segundo Ramal, o cidadão preparado para o futuro tem que dominar tantas linguagens quantas forem as janelas que se abrem para ele. Apesar da inclusão, não se pode deixar de lado o ensino danorma padrão, pois a capacidade de decodificar as mensagens na interação virtual está atrelada à intuição linguística aguçada.

Com relação à internet e o ensino podemos constatar que:

- (I) Os jovens leem cada vez mais nos tempos modernos devido à internet;
- (II) Os jovens também praticam mais a escrita por causa da internet.

Logo, o suporte textual internet, proferido por nós, ajuda no desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, já que engloba uma grande variedade de gêneros textuais que aperfeiçoam as performances linguísticas dos discentes. É responsabilidade escolar, a correlação entre norma e o uso da língua, adequada aos gêneros discursivos, novos ou emergentes.

### **3. Conclusão**

Uma das obrigações do professor de língua materna é instigar seus alunos a identificar e respeitar as diferentes variedades socioestilísticas da língua. Com o advento da internet e novas tecnologias, é defendida a ideia de uma subnorma da língua. Esta, que nem sempre é aceita por professores, não é “caótica” ou “simplista” como aparentam ser, conforme apontam Thurlow & Brown (2003). Ela está sujeita, a regras convencionalizadas pelo uso, nos novos gêneros discursivos que surgem no ambiente virtual, como o chat, lista de discussão, weblog, etc. Cabe ao professor integrar a subnorma no rol dos estudos linguísticos feitos nas aulas de educação básica, problematizando-os devidamente.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

RAMAL, A. C. Ler e escrever na cultura digital. *Pátio: Revista Pedagógica*. Porto Alegre, v. IV, n. 14, p. 21-24, 2000.

THURLOW, C.; BROWN, A. Generation txt? The sociolinguistics of young people's text-messaging. *Discourse analysis online*. 1.1.2003. Disponível eletronicamente em:  
<<http://extra.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a3/thurlow2002003-paper.html>>.